

Artaud e a Medicina

Vasco Tavares dos Santos

Há uma mente no corpo, uma mente rápida como o relâmpago.

Antonin Artaud

Pretendo, com este trabalho, abordar as concepções de *medicina* e de *corpo* na obra de Artaud. Uma leitura breve e quase sempre penhorada ao belo ensaio de Florence de Mèredieu (1992), *Antonin Artaud: Les Couilles de L'Ange* .

A vida e a obra de Artaud é trespassada pela medicina, ou antes, por uma invectiva violenta, veemente, contra a dependência da medicina; dependência esta que não é mais que uma forma de uma dependência mais geral a que todo o homem é submetido. Submetido a diferentes instâncias familiares, policiais e sociais — ‘que manietam e manipulam o nosso corpo’ — todo o homem é um *alienado*, no sentido marxista e psiquiátrico do termo.

A medicina, porém, encerra um poder *alienante* próprio e o corpo médico mais não é, para Artaud, que um corpo expedito de envenenadores.

O CONHECIMENTO SEPARADO

O combate de Artaud é um combate para acabar de vez com o dualismo, a favor de uma consciência unificada. Um combate gnóstico e exacerbado.

Ao contrário de Descartes, Artaud transmite a interminável miséria e frustração da consciência à procura de si mesma. E é, justamente, ‘o Renascimento e o racionalismo cartesiano que, segundo ele, são responsáveis pelo abandono da visão antiga de *totalidade* e pela condução do homem à via de um conhecimento *separado*’ (Mèredieu 1992: 38).

A instauração de uma ciência separada, isto é, de ciências especializadas que parcializam o indivíduo, são o princípio de uma decadência de que a *actual ciência médica é inteiramente devedora*.

‘Biologia, História Natural, Química, Física, Psiquiatria, Neurologia, Fisiologia, todas essas germinações monstruosas que fazem o orgulho das Universidades [...] são para os espíritos esclarecidos uma *perda de conhecimento*’ (Artaud 1971, vol. VII: 188).

Esta visão do homem não favorece o seu engrandecimento, antes o escotomiza e fragmenta, nela entrosando o mal estar da civilização.

Artaud confronta duas concepções de medicina (e de vivo): a aristotélica e a cartesiana.

Na concepção aristotélica, o *vivo* é uma força, um poder susceptível de se desenvolver espontaneamente. O vivo é, assim, concebido como uma totalidade informada e animada do interior.

Na concepção cartesiana, o *vivo* é reduzido a uma simples máquina, criada por Deus, e que não possui, em si, um verdadeiro princípio interior de movimento.

O autómato cartesiano, segundo Artaud, é ‘o mais puro produto do racionalismo grosseiro que falseia a ciência, predando a na via da especialização’ (Artaud 1971, vol. VII: 187). Especialização essa, actualíssima, em que o corpo é tratado, retalhado por fragmentos, despedaçado, e depois atado, sem uma concepção holística do seu funcionamento e interacções possíveis.

Contra esta ideologia médica das especialidades e respectiva maquinaria hospitalar, Artaud defende a reconsideração da *medicina geral* como a ciência médica por excelência.

Nesta invectiva está também presente uma crítica radical à própria noção de *experiência*, tão central na investigação médica.

‘Não acreditamos no valor da experiência e na prova pela experiência. É necessário antes de mais acreditarmos nos fantasmas da razão

e nas formas pelas quais a experiência procura alcançar o nosso pensamento' (Artaud 1971, vol. VIII: 188).

Para Artaud, o que não é pensável é a própria *possibilidade* de experiência e de manipulação do corpo humano.

A medicina é sentida 'como um poder ou força estranha susceptível de se apoderar e o modificar procedendo, assim, a um roubo e usurpação da identidade'.

Este pensamento adquire um lugar de clarividência se tivermos em conta a manipulação da medicina nazi.

RETORNO À UNIDADE

Contra o 'materialismo cartesiano', Artaud vai desenvolver a ideia de uma *cultura unitária* a que chama *cultura orgânica*.

Inspirado nos valores dos índios Tarahumaras do México — que visitou em 1936 — Artaud pretende pensar as correspondências entre o corpo e o espírito, como *o corpo é mente e como a mente é também um corpo*.

Regressando — pela via singular dos diferentes esoterismos — ao dinamismo aristotélico, o seu projecto é a reunificação do homem.

Esta noção de cultura orgânica transporta uma concepção de medicina unitária, referenciada à medicina chinesa e a Paracelso.

Este regresso à medicina espagírica não é mais, para Artaud, que 'a procura do composto humano original'.

UM MAL BRANCO

Na introdução ao *Teatro e o seu Duplo*, problematizando as relações entre cultura e civilização, Artaud escreve o seguinte: 'Por mais alto que clamemos a demandar magia para as nossas vidas, receamos vivamente o decorrer de uma existência que esteja por completo sob a sua influência e o seu signo'.

Daí que a nossa arreigada falta de cultura se surpreenda com certas anomalias impressionantes: por exemplo, numa ilha sem qualquer contacto com a civilização moderna, a simples passagem de um barco que transporta apenas passageiros saudáveis pode provocar um surto repentino de doenças desconhecidas nessa ilha, mas que são características de nações como as nossas: zona, gripe, reumatismo, sinusite, polinevrite, etc.

E, identicamente, se achamos que os negros têm mau cheiro, é porque ignoramos que, em toda a parte, à excepção da Europa, somos nós os brancos quem cheira mal. Diria até que exalamos um odor que tem a brancura de uma concentração de pus numa ferida infectada.

Assim como o ferro pode ser aquecido até se tornar branco, podemos dizer que tudo o que é excessivo é branco; para os asiáticos o branco é sinal de decomposição extrema' (Artaud 1989: 23).

Para Artaud, existe, pois, uma ligação fundamental entre doença e cultura: cada cultura segrega as doenças que a exprimem ou lhe correspondem. E as próprias doenças podem ser criadas ou ampliadas por factores psíquicos ou sociais.

O Ocidente, especializado numa divisão cada vez maior dos conhecimentos, é o paradigma de uma cultura doente.

'A Europa está num avançado estado de civilização: quero dizer está muito doente' (Artaud 1971, Vol. III: 198).

O que conta então na definição de doença — ou de saúde — é o contexto cultural. Em cada sociedade, as definições de sanidade e loucura são arbitrárias e, no sentido mais amplo, políticas.

Em toda a obra de Artaud, a doença surge com uma dimensão central: 'Não poderia chegar a ser poeta» — escreveu ele em Rodez — 'devido a uma terrível doença oculta, que não é uma doença do espírito, mas um esquiteamento interno do ser que sou...' (Artaud 1971, Vol. III: 187). Assim, a doença adquire uma dimensão ontológica, metafísica, conferindo ao legado de Artaud uma dimensão fenomenológica, dimensão esta que Susan Sontag designou por *fenomenologia do sofrimento*.

O CORPO IMACULADO

'Ergui-me eu mesmo da porcaria e curei as minhas feridas, sem intervenção do que quer que fosse e todo o mundo quis levar os louros da minha cura, em vez de me deixar a mim próprio agir...' (Artaud 1971, Vol. XIX: 57).

Este protesto de Artaud é contra uma medicina que sob a aparência de tratar a doença exerce todo o poder sobre o corpo.

Cabe ao homem mudar-se a si próprio: 'quanto a mim, desgostoso do meu corpo, transformá-lo-ei de acordo com a ideia que tenho de mim, Antonin Artaud...' (Artaud 1971, Vol. XIX: 83).

Este corpo é um corpo virginal, imaculado, sem pecado.

As principais metáforas de Artaud, escreve Sontag, são classicamente gnósticas.

O corpo é mente transformada em matéria. Assim como o corpo supera e deforma a alma, o mesmo faz a linguagem, pois a linguagem é pensamento transformado em ‘matéria’. O problema da linguagem, como Artaud o coloca a si próprio, é idêntico ao problema da matéria. Nas equivalências estabelecidas pelas imagens de Artaud, a sexualidade é a actividade corrompida, degradada, das palavras.

RETORNO A AVICENO

A medicina actual está, para Artaud, sob o signo do Anticristo e foram os seus demónios a fazerem a patologia humana. Os médicos estão divorciados da vida e do devir, transmutados em puros técnicos, ao serviço de uma medicina morta para corpos mortos.

A medicina, esta medicina, transformou-se, destarte, num mal, numa doença que é preciso curar.

‘Artaud deseja retomar às seculares práticas médicas, como a de Aviceno, e de todos esses *grandes monges* médicos que inventaram a medicina espagírica’ (Mèredieu 1992: 48).

Artaud não poupa elogios face a esse saber que soube preservar uma visão global do homem — e do cosmos, privilegiando duas técnicas do corpo: a acupunctura e a homeopatia. Está aqui presente a ideia de uma *geografia* interna do corpo humano.

No meio dos diferentes ramos da medicina, a cirurgia (ao contrário da psiquiatria) escapa a estas críticas, aparecendo como uma forma nobre de medicina. A cirurgia tem uma forte presença metafórica em toda a sua obra.

‘Criar consiste em operar no âmago do ser’.

A PESTE, O TEATRO E A MEDICINA

No *Teatro e o seu Duplo*, Artaud estabelece uma relação entre a *peste* e o *teatro*:

‘Tal como a peste, o teatro é um terrível apelo às forças que, pelo exemplo, impelem o espírito para a fonte originária dos conflitos’. (Artaud 1989: 31). E, mais adiante: ‘Tanto no teatro como na peste, há

uma espécie de sol, estranho, uma luz de intensidade anormal, através da qual parece que o difícil e até mesmo o impossível se tornam, repentinamente, o nosso elemento natural' (idem).

A peste surge aqui com dupla dimensão: destruidora e criadora. Artaud concebe o teatro como uma função terapêutica, uma função no sentido médico do termo, idêntica às diferentes funções orgânicas.

E, se a função teatral é qualquer coisa *precisa* como a *circulação de sangue nas artérias*, a medicina já não é precisa, nem os médicos. Agora que os homens se vêem tal como são, a máscara cai e põe a nu a mentira do mundo.

A FECHAR

A obra de Artaud é sulcada, a partir dos anos vinte, pela ideia de uma mudança radical na cultura.

As suas imagens implicam uma concepção médica, e não histórica, da cultura. A sociedade está doente.

Como escreveu Susan Sontag, Artaud considera-se uma espécie de *médico da cultura*. De uma cultura petrificada, *inorgânica*. O teatro que propõe é a sua terapia. Uma terapia de choque.

A medicina ocidental perece, incapaz de revelar a totalidade do homem e o *sentido da vida*.

REFERÊNCIAS

- Artaud, Antonin
1971 *Oeuvres Completes*. Vols. III, VII, VIII, e XIX.
Paris: Gallimard.
- 1989 *O Teatro e o seu Duplo*. Tradução de Fiana Hasse Pais Brandão. Lisboa: Edições Fenda.
- Mèridieu, Florence de
1992 *Antonin Artaud: Les Couilles de L' Ange*.
Paris: Blussion.
- Sontag, Susan
1986 *Sob o Signo de Saturno*. São Paulo: LYPM.

Artaud e a Medicina**Artaud and Medicine*****Sumário******Summary***

O pensamento radical de Antonin Artaud é inerentemente marcado pela ideia que não existe libertação, sem a libertação do corpo. Por isso, a crítica da medicina moderna ocupa um lugar importante na sua obra e dramaturgia, em particular como o racionalismo científico era apenas uma outra forma da persistente divisão formalista e regimentada entre corpo físico e espírito. A questão é articulada por Artaud, em particular, como a relação entre doença e civilização, no sentido em que os excessos civilizatórios exaltados na vida moderna, incluindo a pretensão da hegemonia ocidental em relação a outras culturas, são uma doença poderosa contra a saúde do do espírito livre que reside no corpo e que, em última instância, é o corpo.

The radical thought of Antonin Artaud is inherently marked by the idea that there is no liberation without the body's liberation. Therefore, the critique of modern medicine takes an important place in his work and dramaturgy, in particular the way as scientific rationalism is just another form of the persistent formalist and regimented division between the physical body and the immaterial spirit. The issue is articulated by Artaud, in particular, as the relationship between disease and civilization. The civilizatory triumphalism exalted in modern life, including the pretension of the western hegemony over other cultures, is a powerful disease against the health of the free spirit living in the body and which, ultimately, is the body.